

Cadernos de estágio

O estágio docente sob o olhar da tutoria: para além da simples avaliação

Ana Alice Lima dos Santos

Informações

1 aalicelima@gmail.com

Como citar este texto

SANTOS, Ana Alice Lima dos. O estágio docente sob o olhar da tutoria: para além da simples avaliação. Cadernos de Estágio, v. 7, n. 3, 2025. DOI: [10.21680/2763-6488.2025v7n3ID40778](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2025v7n3ID40778).



O Estágio Supervisionado é um momento singular na formação de professores, pois representa a transição entre a teoria e a prática, o lugar onde os saberes acadêmicos encontram a realidade concreta das escolas. É nesse espaço que se constrói a identidade docente em diálogo com o cotidiano escolar, repleto de desafios, contradições e possibilidades. Pimenta e Lima (2012) apontam o estágio como “espaço em que o conhecimento teórico encontra o chão da escola, permitindo ao futuro professor refletir criticamente sobre sua prática”.

Neste relato, compartilho minha experiência como tutora de estágio no semestre 2024.1, nos cursos de Licenciatura em História e Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na modalidade a distância. A atividade de tutoria, apesar de se constituir em um processo pontual, revelou-se densa em aprendizados, desafios e reflexões sobre a prática docente, a formação inicial e a realidade da educação básica no Brasil.

A função de tutor de estágio na EaD da UFRN envolve visitar os estagiários nas respectivas escolas e acompanhar presencialmente uma aula ministrada por eles. Cabe ao tutor realizar a avaliação pedagógica dessa aula, observando critérios previamente estabelecidos, como planejamento, didática, interação com a turma, uso de recursos e domínio de conteúdo. No entanto, a própria estrutura dessa função levanta uma série de

questões sobre a avaliação de uma prática que é, por natureza, processual, contínua e atravessada por múltiplas variáveis. Como destaca Hadji (1994), avaliar é também um ato político e formativo, que exige tempo, escuta e sensibilidade para perceber processos, e não apenas resultados pontuais.

Durante o semestre, acompanhei estagiários do polo Nova Cruz que atuavam em turmas de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental em diferentes municípios do estado. Essa diversidade de contextos escolares ampliou minha percepção sobre as disparidades existentes na educação pública e permitiu refletir sobre como essas condições impactam diretamente na prática pedagógica dos professores e na formação dos futuros docentes.

Cunha (1991) afirma que “a escola pública brasileira não é uma, mas muitas — com diferentes formas de organização, infraestrutura e acesso ao direito à educação”. Nesse contexto, as visitas mostraram cenários bastante distintos entre si, visto que encontrei, em umas escolas, estruturas físicas minimamente adequadas ao trabalho pedagógico, com salas ventiladas, quadros em boas condições, equipamentos tecnológicos disponíveis — ainda que nem sempre funcionais. Em outras, a realidade era mais precária: ventilação inadequada, ausência de materiais básicos e dificuldades de acesso à internet. Essa heterogeneidade escancara o desafio de se pensar

em uma formação docente padronizada diante de contextos tão diversos. Como exigir do estagiário uma performance didática ideal em condições materiais adversas?

Outro elemento que se destacou foi o perfil dos professores regentes e como sua prática impactava a atuação dos estagiários. Em diversas situações, percebi o comprometimento e a criatividade de professores que buscavam alternativas para engajar os alunos, adaptar conteúdos e dialogar com a realidade dos estudantes. No entanto, também presenciei práticas excessivamente tradicionais e descontextualizadas, baseadas unicamente na exposição do conteúdo no quadro e na cópia mecânica por parte dos alunos. Essa prática, quando incorporada de forma acrítica pelos estagiários, tende a perpetuar uma lógica transmissiva de ensino, muitas vezes desconectada dos princípios que orientam a formação docente crítica e emancipatória. Segundo Tardif (2011), “a prática pedagógica dos professores em formação tende a se moldar, consciente ou inconscientemente, aos modelos que observam”.

Essa reprodução da prática docente observada também foi notada nos próprios estagiários. Muitos deles, compreensivelmente inseguros, limitavam-se a repetir o modelo do professor regente, seja por falta de experiência, seja pela ausência de apoio mais constante para experimentar novas metodologias. Em

diversos momentos, a atuação dos estagiários se assemelhava à apresentação de um trabalho acadêmico, marcada por rigidez, pouca interação com os alunos e falta de flexibilidade diante de imprevistos. Essa dificuldade era ainda mais evidente em salas com alunos com deficiência, onde o despreparo para lidar com as especificidades da educação inclusiva se tornava mais visível.

Um episódio emblemático que ilustra esse desafio foi o relato de um estagiário de História que, após sua aula, me questionou: “Como vou ensinar História para quem não sabe ler?”. A pergunta, embora carregada de angústia, aponta para um dos dilemas centrais da educação pública brasileira: o ensino de disciplinas de base teórica em contextos de baixa proficiência leitora. Aqui, cabe lembrar Paulo Freire (1989), ao afirmar que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ou seja, mesmo quando os estudantes não dominam completamente o código escrito, há formas de mobilizar sentidos, significados e histórias por meio de outras linguagens, como a oralidade, as imagens, os símbolos e as práticas culturais cotidianas. Dilemas como esse não encontram respostas fáceis, mas demandam reflexão crítica sobre os objetivos da educação escolar e o papel social da escola. Como formadores, é necessário acolher essas inquietações e, ao mesmo tempo, provocar os estagiários a pensarem em estratégias pedagógicas que articulem linguagem, interpretação

e construção de sentido, mesmo em situações desafiadoras.

No exercício da tutoria, percebi também as limitações do próprio modelo de avaliação vigente. Por se tratar de uma observação única, em um momento isolado da prática, a avaliação da aula ministrada se torna insuficiente para captar o processo formativo do estagiário. Diversos fatores interferem nesse momento: o nervosismo do estudante ao ser avaliado, o uso de recursos diferentes daqueles com os quais está acostumado, imprevistos técnicos ou climáticos (como chuvas fortes que dificultam o deslocamento ou o funcionamento da escola) e até a postura dos alunos, que percebem a presença de um observador externo. Em muitos casos, os estagiários preparavam aulas especiais para o dia da visita, o que dificultava ainda mais perceber sua prática cotidiana. Isso gera um tensionamento entre o que se espera da avaliação e o que, de fato, se pode observar em uma única aula.

Apesar dessas limitações, a experiência foi extremamente formativa para mim, enquanto educadora. Ao visitar diferentes realidades escolares e dialogar com estagiários(as) em momentos cruciais de sua formação, aproximei-me de uma compreensão mais ampla dos desafios que perpassam a docência nos anos finais do Ensino Fundamental. Vivenciar essas situações me levou a refletir, por exemplo, sobre a necessidade de repensarmos os currículos das

licenciaturas à luz das condições reais de trabalho dos professores, bem como sobre a importância de formar educadores críticos, reflexivos e capazes de atuar de forma ética e criativa diante das adversidades.

Do ponto de vista teórico, minha experiência se articula com as reflexões de Freire (1996), que defende a prática educativa como um ato político, dialógico e transformador. A atuação do estagiário não pode se restringir à reprodução do conteúdo, mas deve buscar a escuta dos sujeitos, a problematização do mundo e a construção coletiva do conhecimento. Nesse sentido, a função do tutor de estágio também se amplia: não se trata apenas de avaliar tecnicamente uma aula, mas de contribuir com uma escuta sensível, provocadora e comprometida com a formação de professores mais conscientes de seu papel social.

Ao relatar minha experiência como tutora, trago comigo o incômodo diante de um modelo de estágio que, muitas vezes, não dá conta da complexidade da formação docente. Ao mesmo tempo, carrego a esperança de que experiências como essa, embora pontuais, possam fomentar discussões institucionais mais amplas sobre o papel do estágio na licenciatura, sobre as condições de ensino nas escolas públicas e sobre as políticas de formação docente no Brasil.

Por fim, afirmo que a experiência como tutora de estágio em 2024.1 me constituiu enquanto educadora. Apre-

di não apenas com o que observei, mas, sobretudo, com o que senti, escutei e compartilhei com os estagiários e estagiárias que me receberam em suas salas. Levo comigo os olhares inseguros, os sorrisos tímidos, as perguntas difíceis e os gestos de afeto que marcaram essa jornada. Que esses encontros possam continuar ecoando em mim e nos futuros professores e professoras que cruzarem os caminhos da docência.

Referências

CUNHA, Luiz Antônio. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. 12. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.

- 145 FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HADJI, Charles. **A avaliação, regras do jogo: das intenções aos instrumentos**. 4. ed. Porto: Porto, 1994.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 12.ed., Petrópolis: Vozes, 2011.